

General anuncia reforço na segurança do complexo esportivo após soldado encontrar projétil a 300 metros da área onde ficam os cavalos

Mais uma bala perdida em Deodoro

Após mais um caso de bala perdida em Deodoro, o responsável pela segurança do complexo esportivo, general Luiz Eduardo Ramos, garantiu ontem que o patrulhamento seria reforçado. O oficial também afirmou que a área é segura. De manhã, um soldado encontrou um projétil calibre .556 a cerca de 300 metros dos estábulos onde estão os mais de 200 cavalos olímpicos no Centro de Hipis-

mo. A polícia iniciou uma investigação e já fez uma perícia. No sábado, uma bala perfurou a lona da sala de imprensa do complexo. Em ambos os casos, não houve vítimas.

A hipótese levantada para o episódio de ontem é que o projétil tenha caído no local após uma troca de tiros entre a Polícia Militar e traficantes durante uma operação na comunidade Minha Deusa, a dois quilômetros de distância

da área de competições. Na incursão, um homem foi preso com uma arma. Ele é suspeito de ter feito o disparo de sábado.

— Eu garanto que o local não foi o alvo, pois a bala estava intacta e, pela nossa experiência, caiu do céu, sem força. É perigoso, lógico que é. Mas eu dou a minha palavra pela segurança de vocês — afirmou o general, acrescentando que a operação policial foi

feita por causa do caso ocorrido no sábado. O oficial informou que o reforço na segurança do complexo utilizará um contingente de reserva. Outra medida anunciada ontem pelo general é a suspensão de treinamentos com tiros nos 51 quartéis da região durante os Jogos Olímpicos. O problema é que os disparos feitos nos exercícios têm assustado jornalistas estrangeiros hospedados na área. (Tatiana Furtado) ●



Tensão. Policiais iniciam uma operação na Vila do João após o ataque à equipe da Força Nacional: o ministro da Justiça e Cidadania, Alexandre de Moraes, foi a hospital para acompanhar cirurgia de agente e prometeu a prisão dos criminosos

Face violenta do Rio vem à tona na Maré

Equipe da Força Nacional erra caminho e entra por engano na Vila do João, onde é atacada a tiros por grupo de traficantes. Dois agentes ficam feridos; um deles em estado grave

ÁREA DE RISCO

Local onde a equipe da Força Nacional foi atacada



Editoria de Arte

Memória

ONDE PEGAR UMA ENTRADA ERRADA LEVA À MORTE

A Vila do João é uma das 16 favelas do Complexo da Maré, que fica entre a Avenida Brasil e as linhas Amarela e Vermelha, uma região considerada estratégica pelas autoridades. O conjunto de comunidades está no planejamento da Secretaria de Segurança para receber Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), mas o projeto esbarra há pelo menos dois anos na falta de PMs no estado e nas características do complexo: é muito grande — são mais de 130 mil moradores — e violento, por ser controlado por traficantes de duas facções rivais e também por milicianos.

Por estar cercada de vias expressas, a Maré registra vários casos de ataques a motoristas que erram o caminho e entram na favela. O caso mais recente aconteceu em junho, quando Maria Lucila Barbosa de Araújo, de 49 anos, foi baleada na coxa direita. O motorista do carro em que ela estava seguiu as instruções de um GPS e, por engano, pegou o acesso para a Vila do João. No ataque, a passageira de um ônibus que passava pela Avenida Brasil foi ferida numa mão.

Em junho de 2013, o engenheiro Gil Augusto Barbosa, de 53 anos, morreu após ser baleado na cabeça ao também entrar por engano na Vila do João, no mesmo caminho feito ontem pelos agentes da Força Nacional. O engenheiro buscava sua mulher no Aeroporto Tom Jobim, mas, como ela telefonou dizendo que havia tomado um táxi para casa, ele tentou fazer um retorno e acabou entrando na comunidade. A sinalização inadequada na Linha Amarela pode ter sido um dos motivos que fizeram o engenheiro cometer o erro. O acesso à comunidade

No Rio para reforçar a segurança da cidade durante a Olimpíada, uma equipe da Força Nacional formada por três policiais de outros estados foi atacada a tiros ontem à tarde ao entrar por engano, de carro, na Vila do João, comunidade do Complexo da Maré localizada às margens da Linha Amarela e da Avenida Brasil. O soldado de Roraima Hélio Vieira, que dirigia o veículo, levou um tiro na cabeça e foi internado em estado grave

para prendê-las rapidamente — disse o ministro, visivelmente consternado.

A equipe de militares havia saído da Barra e ia para o Centro se guiando por um aplicativo de celular — eles contrariaram uma orientação do comando da Força Nacional, que só recomenda a utilização de mapas. O trio passou do acesso da Linha Amarela para a Avenida Brasil, na altura de Manguinhos, e, cerca de 200 metros de-

lha. Depois do ataque, investigadores e peritos da Polícia Civil estiveram no local. Segundo o diretor da Divisão de Homicídios, delegado Rivaldo Barbosa, uma análise preliminar indica que um único disparo atingiu Vieira e Allen. O secretário estadual de Segurança, José Mariano Beltrame, não comentou o caso.

COMITÊ OUVE COBRANÇAS

no Hospital municipal Salgado Filho, no Méier.

O capitão Allen Marcos Rodrigues Ferreira, de 41 anos, do Acre, comandava a equipe e foi atingido de raspão no rosto. Bombeiros o levaram para o Hospital municipal Evandro Freire, na Ilha do Governador. O terceiro integrante do grupo, o soldado do Piauí Rafael Pereira, não foi ferido, mas ficou em estado de choque. Duas horas após o ataque, PMs e agentes da Delegacia de Combate às Drogas (Decod) deram início a uma operação na favela para tentar prender os autores do crime.

O ministro da Justiça e Cidadania, Alexandre de Moraes, foi ao Salgado Filho para acompanhar parte da cirurgia à qual Vieira foi submetido. Segundo ele, investigadores já identificaram dois responsáveis pelo ataque.

— Acredito que o o soldado Vieira vá sobreviver a isso. Tivemos esse lamentável e covarde ataque à equipe da Força Nacional que errou o caminho. Estamos com as nossas forças de inteligência buscando as pessoas que praticaram o crime. Duas delas já foram identificadas, e vamos atuar

pois, o motorista decidiu fazer um retorno para retomar o trajeto indicado. O veículo acabou entrando na Vila do João, em uma localidade conhecida como Boca do Papai. Ao verem o carro, traficantes que estavam no local abriram fogo. Vieira chegou a dar marcha à ré, mas, ao ser atingido na cabeça, perdeu a direção e o veículo bateu num muro.

Em uma mensagem de áudio enviada por celular para uma equipe de supervisão da Força Nacional, o soldado Pereira, muito nervoso, avisou que ele os colegas haviam sido atacados.

“O capitão Allen foi atingido, o motorista foi atingido. Uma equipe do Exército está lá perto (do local do ataque)”, disse Pereira, com voz ofegante.

Em seguida, foi a vez de o capitão Allen explicar o que havia acontecido:

“Oi, é o capitão Allen. Estávamos indo de via-tura para o Centro, o motorista entrou numa situação e nos atingiram”.

Eles foram socorridos por militares do Exército que faziam patrulhamento na Linha Verme-

Também ontem, representantes do Comitê Rio 2016 foram cobrados, em uma coletiva, a dar explicações sobre o ataque a um ônibus que levava, pelo BRT Transolímpico, 12 jornalistas de Deodoro para a Barra, na noite de terça-feira. A repórter americana Lee Michaelson, que estava no veículo, duvidou da versão oficial de que janelas foram quebradas por uma pedra: ela disse ter ouvido tiros e reclamou da assistência prestada aos passageiros, incluindo um voluntário turco que ficou levemente ferido.

Mario Andrada e Luiz Fernando Corrêa, respectivamente diretores de comunicação e segurança do comitê, pediram desculpas a Lee e afirmaram que não há uma tentativa de diminuir a gravidade de caso.

— Temos aqui os melhores jornalistas, numa cobertura mundial. Seria impossível uma “operação abafa” — disse Andrada, acrescentando que o patrulhamento no BRT foi reforçado. ●

Participaram da cobertura: Antônio Werneck, Carina Bacelar, Clarissa Stycer e Vera Araújo

não estava indicado na época do crime.

Mas o problema naquela região é ainda mais antigo. Em dezembro de 1995, o motorista de um ônibus com torcedores do Santos, que procurava o caminho para São Paulo, entrou na favela sem perceber e o veículo foi metralhado. Uma pessoa morreu e cinco ficaram feridas. O grupo tinha acabado de sair do Maracanã, onde o time havia jogado contra o Botafogo.

A Vila do João é um conjunto habitacional erguido em 1982 no Projeto Rio, do governo federal, para receber famílias que viviam em palafitas na região. Em abril de 2014, mais de dois mil homens do Exército ocuparam a Maré, com o apoio de soldados da Marinha e policiais civis e militares. O objetivo era preparar as comunidades para receber UPPs. Quinze meses depois, as tropas entregaram o controle das favelas à PM, que, aos poucos, abandonou o patrulhamento, deixando o tráfico retomar o território. A Secretaria estadual de Segurança chegou a anunciar a primeira UPP da região para julho de 2015, o que não aconteceu.